

Coleta de Anuências

Entrevistado: Antônio José

Grupo: Reisado de Congo

Entrevistador: Ana Carla Sabino

Loca/Data: Barbalha, Alto do Rosário, 12/04/2012.

Arquivo 100413_003

Entrevistadora: Barbalha, 12 de Abril, eu estou aqui na casa do senhor Antônio José, ele é Mestre do Reisado de Congo, ele reside na comunidade Alto do Rosário.

Bom, Seu Antônio José, meu nome é Ana Carla, certo, eu vim pelo Iphan, o senhor já ouviu falar no Iphan. O senhor já ouviu falar no Iphan? Instituto do Patrimônio.

Seu Antônio: Não.

Entrevistadora: Né, então eu acho que há um bom tempo que o Iphan, vem fazendo um trabalho aqui em Barbalha, pra fazer o Registro da Festa de Santo Antônio, como memória, como patrimônio pra cidade de Barbalha e pra todo o Estado do Ceará, certo, então, já foram feitas varias entrevistas, eu acho que o senhor já deve ter sido entrevistado outras vezes né.

Seu Antônio: Já fui entrevistado muitas vezes.

Entrevistadora: Pronto. Fotografia, muitas pesquisas, e esse momento, eu já estou aqui agora para o momento de finalização de todo o processo, certo, então agora esse processo de Registro, né, da certificação da Festa de Santo Antônio como um patrimônio pra cidade, ele vai sendo concluído à medida que nós colhemos as assinaturas de todos os grupos, de todos os grupos que fazem parte, que participam da Festa de Santo Antônio. Entoa, tem o reisado que o senhor é Mestre, tem outros reisado que a gente já, que eu já fui com a Gorete conversar e pegar assinatura, os penitentes, então são vários grupos que estão participando desse momento, que é o momento, grupos, e os próprios carregadores, carregadores do pau também, estão participando desse momento, que é o momento de anuência, né, de acordo com o Registro da Festa de Santo Antônio. Quando eu falo Registro da Festa de Santo Antônio, tô falando também do reconhecimento, formal, por que o trabalho de vocês já é reconhecido por todos, certo, mas tamo aqui falando de um reconhecimento mais direto, um reconhecimento mais de apoio à nível estadual, nível federal, certo. Quando eu falo a Festa de Santo Antônio, tô falando de todos vocês.

Seu Antônio: De todos nós, tá falando de todos nós.

Entrevistador: Todos vocês. Aí eu gostaria que o senhor falasse seu nome completo e falasse um pouco do Reisado de Congo que o senhor é Mestre, no momento da Festa de Santo Antônio como é que o grupo se sente, como é que

o senhor se sente no momento em que tá se apresentando lá na Festa do Santo Antônio.

Seu Antônio: Olha, meu nome todo é Antônio José da Silva. Há 7 anos de idade que eu comecei a usar um traje de reisado nas costa, eu tinha seta anos de idade, passa meu reisado de pai pra filho, por que meu avô era o mestre de reisado, morreu e ficou com meu pai, meu pai ficou mais velho, não quis mais, passou pra meu irmão, meu irmão morreu, eu fiquei fazendo, ajudando os outro, ajudando os outro e os outro sempre só, nunca quis, nunca quis uma ajuda, por que tem gente que a gente quer dar uma mão, mas não quer a mão, inclusive me disseram “nós só brinca reisado agora se o senhor fizer um reisado pra nós, por que o senhor que é Mestre, o senhor sabe o que é reisado, o senhor entende de reisado, então o senhor fazer um reisado pra nós, ou então nós não brinca”. A minha menina justamente é ela que é o rei, eu sou o Mestre, a mão é o Contra-Mestre, ela é o Rei, disse ela “quando eu vejo um reisado eu fico, me coçando todinha como se tem uma doença...”

Entrevistadora: São quantos?

Seu Antônio: 22 componentes. “... então papai faça um reisado pra nós” , eu disse “pessoal, reisado é uma responsabilidade muito grande”, quer dizer pra aquele Mestre, que quer ser o Mestre tenha responsabilidade, por que todo mundo que quer ser Mestre de reisado ele tem que ter responsabilidade em tudo, em tudo ele tem que ter a responsabilidade, por que num é fácil distribuir 20 pessoa, 30 pessoa, 15 pessoa, 10 pessoa, sem os pais, sem as mães tá presente, só (áudio incompreensível) daquela pessoa, responsabilidade tá é aí em cima do Mestre, o Mestre tem que se responder por peça, verso, bicho, e nós tem que ser responsável á tudo, tudo só cai em cima do Mestre, o Mestre faz de conta, o Mestre é a Cumieira da casa, o Mestre, (áudio incompreensível), quer dizer eu, eu sempre tive minha responsabilidade com os meu, quando eu trabalho com meus companheiro eu tenho minhas responsabilidade, não sei os outros, né, por que os outros...

Entrevistadora: E lá na Festa de Santo Antônio?

Seu Antônio: ...os outros é os outros. Na festa de Santo Antônio todos nós se sente orgulhoso de fazer essa representação, por que é muito bonito a festa de santo Antônio, é muito bonito com aquele monte de “flocore”, lapinha, reisado, maneiro-pau, principalmente eu acho, eu me sinto orgulhoso de tá na frente, eu me sinto, com a presença de Dona Gorete que dá a maior força, ela dá maior força ao reisado, ela dá, dizer, num é por que tá na presença dela, num é por que tá aqui na frente da senhora que eu tô dizendo isso, por que onde eu chego eu digo “Gorete dá a maior força à reisado”, mas muitos, mas como num (áudio incompreensível) bem no que sabe, e ó o livro é aqui, aqui é onde tá, o negócio é na cabeça aqui, é tirar da mente, fazer da mente, olhar pra enhora e fazer uma peça com senhora, né, olhar pra senhora e fazer, uma peça com a senhora, muitos num faz isso por que não tem.

Olhe, dentro do reisado, dentro do reisado de congo existe muita coisa que os mestre aqui num sabe, num é eu querendo ser melhor do que os outros, por

que todos são mestre, e como tava (áudio incompreensível) é por que ele é um mestre, quando ele passa a ser um mestre de reisado ele passa a se responder como mestre, (áudio incompreensível) pessoa pedir, vamo supor eu vou brincar na casa dela, ela chega e me pede “Seu Antônio, eu queria que o senhor entrasse na minha casa (áudio incompreensível) santo”, se eu não souber eu vou fazer o quê? Eu digo, olha aqui eu não sei dar o divino, é o meu dever, aí não é todo mestre que dá o divino da igreja, não é todos que dá, todos num dão esse divino, eu fico, eu chego na casa da senhora, vou brincar lá na sua casa, a senhora diz “Seu Antônio, eu ouvi falar que dentro do reisado exista um baralho, o senhor sabe o cacife do baralho?”, se eu não souber eu vou fazer o quê? Eu digo “não, num sei, num vou martelar a cabeça e fazer que sei”, eu vou dizer ‘não num sei, num sei dá fé desse baralho”.

Entrevistadora: E a sua família? Como é que gosta de participar?

Seu Antônio: Todos gosta.

Entrevistadora: Muito orgulhoso.

Seu Antônio: Todos tem orgulho, todos, do maior ao mais pequeno, inclusive eu ensino lá na escola, ainda ontem me apresentei com as menina, foi uma apresentação que teve com as menina lá na escola, foi um negocio assim que aconteceu rapidamente, que a menina ligou pra cá e eu fui ver já era 11 hora da noite, aí eu digo, como é o convite dessas menina? Uns estuda pela noite, outros estuda pela tarde, lá passei, saí daqui 9 horas, cheguei em casa aqui 6 horas, quer dizer, pra organizar elas, a escola não pode fazer isso, nem a escola passar vergonha, nem eu como Mestre, vamo supor o professor delas, que u tô lá como o professor delas, quer dizer nem a escola passar vergonha e nem a outra passar decepção, quer dizer, eu fiz de tudo que pude pra ela chegar, é tanto que não foi completo, não foi as 12, foi 8, mas cheguei junto, fiz a minha parte, então eu me sinto orgulhoso pela essa parte, eu me sinto bastante orgulhoso pela parte do reisado.

Entrevistadora: Nós também viu Seu Antônio.

Seu Antônio: Eu me sinto orgulhoso, e peço os meu que quando eu morrer, que já tô velho, eu já tenho dentro de 66 anos, quando eu morrer, eu peço a você, não deixe o reisado se acabar, se a cultura se acabar, fique brincando nas casa, no Dia de Reis se apresente, se apresente na rua pra mostrar que o reisado tá vivo, que o mestre morreu, mas ficou alguém, que isso eu já tô passando de mim pra eles, já pra eles passar pros deles também, quer dizer, é isso que eu peço pra eles, que não deixe a cultura morrer, eu peço, não deixe a cultura se acabar, quer dizer, esse meu reisado que é cultura.

Entrevistadora: E o nosso papel, certo, da instituição, do Iphan, é colaborar viu Seu Antônio pra que não morra mesmo, certo, por que é importante pra memória, num é importante pra memória da família?

Seu Antônio: Fica pra memoria da família.

Entrevistadora: A família, são histórias de vida, né.

Seu Antônio: Fica pra memória, fica.

Entrevistadora: Pois eu agradeço muito, certo, e aí eu queria, além de tá registrado aqui, eu também gostaria que o senhor assinasse.

Seu Antônio: Olhe, olhe, quando o mestre vai se responder como mestre, tem uma reunião no conselho dos componente, seus brincador, e dizer, olhe, olhe, eu sou o mestre, mas eu não sou bem aprumado, eu num entendo bem do reisado, eu represento pelo mestre por que eu sei dançar. Ó dentro do reisado existe 17 ponto de sinal, eu como mestre eu posso ensinar 16, um fica pra eu, um fica pra mim, um fica pra mim, (áudio incompreensível) a senhora, a senhora não vai ensinar tudo que sabe, num é assim? Não se pode ensinar tudo que sabe.

Entrevistadora: E tem coisas que a pessoa tem que aprender sozinha, né? Né, tem coisas que a pessoa aprende com sua própria consciência.

Seu Antônio: eu escrevo muito bem, Dona Gorete sabe disso.

Gorete: Não, não, mas tenha paciência, pode escrever. Isso é só confirmando o que você já disse a ela, viu? A importância do registro, do seu grupo de registrar.

Seu Antônio: Pois só tem uma coisa que eu queria dizer, a cultura não deve, não devia, por que a cultura tem condições, tem condições de ajudar os mestre do reisado com mais categoria, com mais categoria. Bom, muito papel aí de mestre que ela veio e pegou um bocado de papel aí, documento, pegou tudo, (?), os meu eu nunca perdi.

(conversam entre si) (fim da entrevista).